



Escola de Ciências Sociais e Humanas
Departamento de Psicologia Social e das Organizações

A influência dos estilos parentais e as estratégias de mediação parental, nos
comportamentos de risco dos filhos na Internet

Patrícia Filipa Ferreira de Almeida Costa

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Psicologia Comunitária e Proteção de Menores

Orientador:

Professora Doutora Susana Cristina Silvestre Fonseca, Professora Auxiliar do Departamento
de Psicologia Social e das Organizações da Escola de Ciências Sociais e Humanas,
ISCTE-IUL

Outubro, 2017



Escola de Ciências Sociais e Humanas
Departamento de Psicologia Social e das Organizações

A influência dos estilos parentais e as estratégias de mediação parental, nos
comportamentos de risco dos filhos na Internet

Patrícia Filipa Ferreira de Almeida Costa

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Psicologia Comunitária e Proteção de Menores

Orientador:

Professora Doutora Susana Cristina Silvestre Fonseca, Professora Auxiliar do Departamento
de Psicologia Social e das Organizações da Escola de Ciências Sociais e Humanas,
ISCTE-IUL

Outubro, 2017

Agradecimentos

Em primeiro lugar, à minha orientadora e professora, Dra. Susana Fonseca, por toda a disponibilidade, compreensão, apoio, incentivo.

Ao Diretor do Agrupamento, Psicóloga e Docentes da escola onde foram recolhidos os dados, por toda a disponibilidade e paciência.

A todos os pais/encarregados de educação e crianças que se disponibilizaram para participar no presente estudo.

À minha família, pelo apoio neste ultimo ano mais difícil, e especialmente à minha irmã Ana, por toda a força, incentivo, e por me fazer acreditar que sou capaz de atingir todos os meus objetivos

A todos os meus amigos e colegas, que de alguma forma contribuíram com conselhos, dicas e não me deixaram desistir.

Resumo

O presente estudo tem por objetivo compreender de que forma os estilos parentais e as estratégias de mediação parental reduzem o comportamento de risco na internet, e que efeito têm esses comportamentos no bem-estar da criança. Participaram no estudo 67 crianças e respectivos pais/encarregados de educação, com a aplicação de questionários construídos para o efeito. Os resultados demonstraram que os estilos parentais têm influência na redução de comportamentos de risco dos filhos na *Internet*, sendo que o estilo parental autoritativo está associado a um menor número de comportamentos de risco. As estratégias de mediação parental também estão relacionadas com estes comportamentos, sendo que são as estratégias de mediação ativa que mais os reduzem. Por fim, ao analisarmos o impacto dos comportamentos de risco no bem-estar subjetivo das crianças, os resultados revelaram que quanto menos comportamentos de risco de *bullying*, contactos *online/offline*, e uso indevido de informações, maior o bem-estar subjetivo das mesmas.

Palavras-chave: estilos parentais, estratégias de mediação parental, comportamentos de risco, bem-estar subjetivo

Abstract

With the present study we intend to understand how the parental styles and strategies of parental mediation reduce risky behavior on the internet, and what effect these behaviors have on child well-being. The sample involved 67 children and respective parent. The data were collected through the application of a questionnaire built for that purpose. The results showed that parental styles influence the reduction of children's risk behaviors on the Internet, and authoritative parental style is associated with a lower number of risk behaviors. Parental mediation strategies are also related to these behaviors, and it is the active mediation strategies that most reduce them. Finally, when we analyzed the impact of risk behavior on the subjective well-being of children, the results revealed that the less risk behavior of bullying, online/offline contact and improper use of information, the greater the subjective well-being of the children.

Keywords: parental styles, parental mediation strategies, risk behaviors, subjective well-being

Índice

Introdução	1
Capítulo I - Enquadramento teórico	2
1.1. Do <i>Bullying</i> ao <i>Cyberbullying</i>	2
1.2. A importância dos Pais	6
1.3. Bem-estar subjetivo	11
1.4. Objetivos e hipóteses de investigação.....	13
Capítulo II - Metodologia	14
2.1. Participantes	14
2.2. Instrumento	16
2.3. Procedimentos.....	19
Capítulo III - Resultados	20
Capítulo IV- Discussão e Conclusões	32
4.1. Discussão	32
4.2. Conclusão.....	34
4.3. Limitações do estudo	34
4.4. Recomendações.....	35
Referências	36
Anexo A – Consentimento Informado Encarregados de Educação/Pais	41
Anexo B – Consentimento Informado Filhos	42

Índice de Quadros

Quadro 2.1 – Caracterização sociodemográfica dos Pais/Encarregados de Educação	14
Quadro 2.2 – Caracterização da Profissão dos Pais/Encarregados de Educação.....	15
Quadro 2.3 – Caracterização sociodemográfica das crianças	15
Quadro 3.1 – Uso da Internet por parte dos Pais/Encarregados de Educação	20
Quadro 3.2 – Uso das Redes Sociais por parte dos Pais/Encarregados de Educação.....	20
Quadro 3.3 – Uso da Internet por parte das crianças	21
Quadro 3.4 – Uso das Redes Sociais por parte das crianças.....	22
Quadro 3.5 – Perfil das crianças nas Redes Sociais.....	22
Quadro 3.6 – Informações visíveis das crianças nas Redes Sociais	23
Quadro 3.7 – Estilos Parentais	23
Quadro 3.8 – Médias das estratégias de mediação parental utilizadas pelos pais	23
Quadro 3.9 – Comportamentos de risco	24
Quadro 3.10 – Comportamentos de risco: Imagens Sexuais	25
Quadro 3.11 – Comportamentos de risco: <i>Bullying</i>	25
Quadro 3.12 – Comportamentos de risco: <i>Sexting</i>	25
Quadro 3.13 – Comportamentos de risco: Contactos <i>Online/Offline</i>	26
Quadro 3.14 – Comportamentos de risco: Uso indevido de informações pessoais.....	26
Quadro 3.15 – Comportamentos de risco: Outros Riscos.....	27
Quadro 3.16 – O que fazes quando alguém diz ou faz algo desagradável ou que te magoa? .	27
Quadro 3.17 – Bem-estar subjetivo: Afetos positivos	28
Quadro 3.18 – Bem-estar subjetivo: Afetos negativos	28
Quadro 3.19 – Bem-estar subjetivo: Satisfação com a vida	28
Quadro 3.20 – Relação entre Estilos Parentais e Comportamentos de risco	20
Quadro 3.21 – Correlação entre Mediação Parental e Comportamentos de Risco	30
Quadro 3.22 – Correlação entre Bem-estar subjetivo e Comportamentos de Risco.....	30

Introdução

As tecnologias de informação e comunicação (TIC) estão em constante desenvolvimento, e o crescimento da utilização das mesmas tem vindo a aumentar, principalmente pelas gerações mais jovens. Associadas às TIC, para além dos benefícios, encontram-se um conjunto de desafios e riscos com os quais os utilizadores se deparam, e exemplo disso é o *Cyberbullying*, visto como uma nova forma de *Bullying* em que a agressão é feita através dos meios eletrónicos, como o telemóvel ou a internet.

Muitos são os riscos e desafios que se encontram na Internet, e sendo os mais jovens os principais utilizadores desta ferramenta, cabe aos pais, apoiarem os filhos no uso da Internet e das redes sociais através de várias formas, nomeadamente, através da mediação parental, que se baseia nas estratégias, técnicas e práticas, estabelecidas pelos pais com o intuito de aumentar os benefícios e diminuir os riscos do uso da internet.

Atualmente são poucos os programas e estudos sobre a eficácia das estratégias de mediação parental na redução dos comportamentos de riscos das crianças na internet, e com esta investigação esperamos contribuir para um maior conhecimento sobre a temática, e desta forma guiar os pais para um envolvimento ativo e eficaz na redução destes comportamentos.

Face aos objetivos, a presente dissertação está estruturada em quatro capítulos, sendo que o primeiro, contém uma revisão de literatura sobre o *Bullying* e o *Cyberbully*, o papel dos pais face à utilização da internet por parte dos filhos, bem como as estratégias utilizadas, e as diferentes mediações parentais existentes. O bem-estar subjetivo é também um foco nesta investigação, e por isso abordado neste capítulo. O segundo capítulo é dedicado à metodologia, incluindo os participantes, o instrumento e os procedimentos de recolha e análise dos dados. O terceiro capítulo diz respeito à apresentação dos resultados obtidos, e o quarto e último capítulo é dedicado à discussão dos resultados apresentados, ao contributo, às limitações da investigação e às sugestões para futuras investigações.

I - Enquadramento teórico

1.1. Do Bullying ao Cyberbullying

Há mais de 150 anos que o *bullying*, não ainda definido com este termo, é retratado na literatura, por exemplo com a obra de Charles Dickens, *Oliver Twist*, que narra as aventuras e desventuras de um rapaz órfão (Hymel & Swearer, 2015). Só mais de um século passado é que Olweus (1993,1994) definiu este conceito, afirmando que «um aluno está a ser provocado ou vitimado quando ele ou ela está exposto, repetidamente e ao longo do tempo, a ações negativas da parte de um ou mais estudantes». Considera-se uma ação negativa quando alguém intencionalmente causa, ou tenta causar, danos ou mal-estar a outra pessoa, sendo que estas ações podem ser verbais (por exemplo, chamar nomes), físicas (por exemplo, bater) ou sociais (por exemplo, excluir de um grupo) (Olweus, 1994). O autor completou a sua definição definindo os seguintes critérios: (a) a intencionalidade do comportamento, sendo que o comportamento tem um objetivo de provocar mal-estar e ganhar controlo sobre outra pessoa; (b) o comportamento é conduzido repetidamente e ao longo do tempo, sendo que este não ocorre ocasionalmente ou de forma isolada, mas passa a ser crónico e regular; (c) a existência de um desequilíbrio de poder, onde geralmente os agressores vêm as suas vítimas como um alvo fácil.

Em 1994, Olweus distingue ainda o *bullying* direto - com ataques relativamente abertos à vítima - e o *bullying* indireto, sob a forma de isolamento social e exclusão intencional de um grupo.

Investigações mostram que os rapazes estão mais envolvidos no *bullying*, tanto como vítimas como provocadores, em comparação com as raparigas (Olweus, 1994). A frequência do *bullying* diminui com o aumento dos anos de escolaridade (Olweus, 1993) e os alunos mais novos são mais frequentemente vítimas e a frequência de serem ameaçados diminuiu à medida que a idade aumenta (Olweus, 1994).

Os *bullies*, isto é, os provocadores/agressores são caracterizados como tendo uma atitude mais positiva em relação à violência do que os estudantes em geral, existência de uma impulsividade e uma forte necessidade de dominar os outros, e pouca empatia com as vítimas de *bullying* (Aluede, Adeleke, Omoike & Afen- Akpaida, 2008; Olweus, 1994).

Por outro lado, as vítimas são caracterizadas como mais ansiosas e inseguras do que outros estudantes em geral. São frequentemente cautelosas, sensíveis e silenciosas. Quando atacadas por outros estudantes, regra geral a sua reação é chorar (pelo menos nas idades mais jovens) e fugir. Além disso, as vítimas sofrem de baixa autoestima e têm uma visão negativa sobre si mesmas e sobre a sua situação. Muitas vezes consideram-se um fracasso e sentem-se

estúpidas, envergonhadas e pouco atraentes e geralmente têm uma atitude negativa em relação à violência e ao uso de meios violentos. (Olweus, 1994). Outros autores, referem que estes têm uma maior probabilidade de se sentirem deprimidos (Klomek, Marrocco, Kleinman, Schonfeld & Gould, 2007; Wang, Nansel & Iannotti, 2011), e em relação aos pares, estes têm uma maior dificuldade em fazer amigos (Alikasifoglu, Erginoz, Ercan, Uysal & Albayrak-Kaymak, 2007) e têm poucos amigos (Fekkes, Pijpers, Fredriks, Vogels & Verloove-Vanhorick, 2006).

Investigações têm revelado que o *bullying* no contexto escolar constitui um problema com uma prevalência elevada, que compromete a aprendizagem e influencia o abandono escolar precoce, perturba as relações interpessoais e o desenvolvimento sócio emocional das crianças e jovens, e reduz o clima de segurança e proteção sentido por todos nas escolas (Carvalhosa, Moleiro & Sales, 2009).

Com o crescimento da utilização das TIC (Tecnologia da Informação e Comunicação), em grande parte pelas gerações mais novas, a intimidação e perseguição deixou de ser um exclusivo da interação cara-a-cara. Cada vez mais verifica-se uma elevada frequência destas situações (intimidação, insinuações e insultos) praticadas por crianças usando estes meios, dando origem assim a uma nova espécie de *bullying*, o *bullying* virtual ou *cyberbullying*, que vem amplificar os riscos na vida quotidiana das crianças e dos jovens (Amado, Matos, Pessoa & Jager, 2009).

Investigações indicam que as crianças têm acesso às TIC e estão a usa-las cada vez mais cedo, e num estudo Europeu com a participação de sete países, um terço das crianças de 9 a 10 anos revelou que acediam à internet pelo menos uma vez por semana nos seus quartos (usando uma variedade de dispositivos diferentes), e mais de um quarto dos jovens de 9 a 10 anos referiu ter um perfil numa rede social (Livingstone, Mascheroni, Ólafsson & Haddon, 2014), sendo que é de salientar que, em muitas das redes sociais, existe uma idade mínima para criar uma conta ou perfil (e.g., para o *facebook* a idade mínima é de 13 anos).

Em Portugal, um estudo veio revelar que somos dos países europeus onde se despende mais tempo na ligação à internet, e onde existe uma maior antecipação na idade das crianças para o uso da mesma (Amado, Matos, Pessoa & Jager, 2009). Nos últimos anos, os Ministérios da Ciência, Educação e Tecnologia têm desenvolvido vários projetos com o intuito de lutar contra a infoexclusão e melhorar as condições de acesso às TIC, sobretudo nos meios escolares (e.g., “e-escola” e o “Magalhães”) (Ferreira & Monteiro, 2009).

É certo que a utilização das TIC têm inúmeros benefícios, e Livingstone (2003) distinguiu o uso geral da Internet pelas crianças em três categorias principais: (1)

entretenimento, (2) educação e (3) “*edutainment*” – a junção dos últimos dois (entretenimento, através de jogos, filmes ou espetáculos, com o intuito ensinar alguém). É possível adicionar uma quarta categoria que se refere ao papel do consumidor das crianças através da Internet. Estudos revelam que o uso da Internet é principalmente uma atividade baseada em casa, o que introduz o papel crítico dos pais em relação ao uso seguro da Internet (Valcke, Bonte, Wever & Rots, 2010).

A necessidade da "educação da internet" é clara quando são analisados estudos sobre o comportamento de risco na Internet em crianças mais novas. Estas não têm um nível suficiente de e-maturidade (maturidade relacionada com a internet) para poderem gerir estes riscos (Valcke, Bonte, Wever & Rots, 2010). Num estudo, foi verificado que 86,3% das crianças do ensino regular refletiam o uso inseguro da Internet. Vanlanduyt e De Cleyn (2007, citados por Valcke, Bonte, Wever & Rots, 2010) distinguiram 5 áreas de risco da Internet: (1) a internet pode ter um impacto negativo nas relações sociais, e pesquisas indicam que 42% das crianças são vítimas de *cyberbullying* ou *cyberstalking*, que consiste no uso de ferramentas tecnológicas com o objetivo de perseguir ou assediar uma pessoa; (2) a internet pode ter um impacto emocional negativo devido à exposição indesejada à pornografia, violência, linguagem explícita, etc., sendo que muitas crianças indicam que já foram ameaçadas *online*, e muitas não entendem os riscos em transmitir informações pessoais a quem conheceram na internet; (3) a internet parece afetar a saúde física, e pesquisas apontam a obesidade, concentração reduzida e dor muscular; (4) estudos observam um impacto negativo na gestão do tempo, resultando no vício da Internet e negligência nas tarefas escolares, menor envolvimento em atividades familiares, etc; (5) risco de consumismo e exploração comercial.

Como referido anteriormente, o *cyberbullying* é um dos riscos na utilização da Internet, sendo que muitos o consideram como uma nova expressão do *bullying*. Ao ampliar a definição deste conceito, o *cyberbullying* foi definido como "um ato ou comportamento agressivo realizado por um grupo ou um indivíduo, usando equipamentos eletrónicos, repetidamente e ao longo do tempo contra uma vítima que não pode facilmente defender-se (Smith, Mahdavi, Carvalho, Fisher, Russell & Tippett, 2008).

O *cyberbullying* difere do *bullying* tradicional em alguns aspetos, e Smith (2012) identifica 7 características diferenciadoras: (1) depende de algum grau de especialização tecnológica; (2) é indireto e não cara-a-cara, e portanto pode ser anónimo; (3) o agressor geralmente não vê a reação da vítima, pelo menos no curto prazo; (4) a variedade de papéis dos espectadores no *cyberbullying* é mais complexa do que no *bullying* tradicional; (5) no

bullying tradicional existe um *status* que se ganha ao mostrar poder (abusivo) sobre os outros, na frente de testemunhas, mas o autor muitas vezes não tem isso no *cyberbullying*; (6) a amplitude da audiência potencial é aumentada, sendo que o *cyberbullying* pode atingir públicos particularmente grandes ao nível dos pares, em comparação com os pequenos grupos que são o público habitual no *bullying* tradicional; (7) é difícil escapar ao *cyberbullying* (não há "refúgio seguro"), pois a vítima pode receber mensagens no seu telemóvel ou computador, ou ver os comentários num *site*, onde quer que esteja.

Quando comparado ao *bullying* tradicional, o *cyberbullying* é, regra geral, perpetrado e experimentado fora da escola, (Dehue, Bolman & Völlink, 2008; Smith, 2013), mas pesquisas sugerem que este se inicia frequentemente na escola e que depois se desenrola em casa (Cassidy, Jackson & Brown, 2009), pois as crianças frequentemente conhecem o seu *cyberbully* (perpetrador ou agressor), muitas vezes desse mesmo espaço escolar (Monks, Mahdavi & Rix, 2016).

O *cyberbullying* tem algumas características partilhadas com o *bullying* tradicional, sendo que acontece mais do que uma vez, envolve violência psicológica e é intencional (Dehue, Bolman & Völlink, 2008). Contudo, o *cyberbullying* tem algumas características específicas, sendo que os *cyberbullies* (perpetradores/agressores) são, regra geral, anónimos. Outra diferença é a falta de pistas físicas e sociais, o que implica que os *cyberbullies* não são pessoalmente confrontados com a forma como as suas vítimas reagem e com as consequências dos assédios (Dehue, Bolman & Völlink, 2008).

Anderson e Sturm (2007) definem as pessoas que são alvo de intimidações como sendo sensíveis, respeitosas, honestas, criativas, com alta inteligência emocional, um forte senso de justiça, alta integridade e com uma baixa propensão à violência. Referem que os agressores veem as vítimas como mais fracas em comparação com os próprios e usam qualquer vulnerabilidade contra as mesmas. Os agressores podem ter baixa autoestima e agir agressivamente, como forma de compensar as suas fraquezas, mas muitas vezes são as crianças socialmente dominantes que asseguram o seu poder prejudicando os outros.

Existem alguns autores que ainda são céticos em relação ao *cyberbullying*, e afirmam que as vítimas não são feridas fisicamente, e assim sendo não é tão prejudicial quanto o *bullying* cara-a-cara (Anderson & Sturm, 2007). Contudo, pesquisas referem que o *bullying* psicológico é tão prejudicial quanto a agressão física. As vítimas podem experimentar *stress*, baixa autoestima, sintomas depressivos (Anderson & Sturm, 2007; Dehue, Bolman & Völlink, 2008) tensão, podendo ter repercussões extremas, como suicídio e violência física (Anderson & Sturm, 2007). Vários autores referem que as vítimas de *cyberbullying*, sentiram

que era tão perturbador, ou mais, em comparação com o *bullying* tradicional, e que experienciam sentimentos de tristeza, procuravam evitar a escola, relataram níveis mais elevados de ansiedade e depressão em comparação com as vítimas do *bullying* tradicional (Monks, Mahdavi & Rix, 2016).

Relacionado com esta problemática, estudos revelam que o tempo passado na Internet aumenta a probabilidade de ser vítima de *cyberbullying* (Juvonen & Gross, 2008), sendo que na atualidade, são poucos os jovens que passam o dia sem ficarem *online*.

Em suma, o *cyberbullying* é uma extensão do *bullying* que difere em alguns aspetos, nomeadamente na não presença física por parte do agressor, o que aumenta o desconforto e o nível de segurança por parte das vítimas. Nem todos os autores estão de acordo com a gravidade os riscos deste fenómeno, mas o que é certo é que este é prejudicial para o bem-estar das vítimas.

1.2. A importância dos Pais

Muitos são os riscos e desafios que se encontram na Internet, e são os mais jovens que utilizam esta ferramenta. Cabe desta forma aos pais, apoiarem os seus filhos no uso da Internet e das redes sociais através de várias formas.

Estes tentam regular o uso dos meios de comunicação social por parte dos seus filhos, na esperança de maximizar as vantagens e reduzir as desvantagens na utilização dos mesmos (Livingstone & Helsper, 2008). A maioria (80%) dos pais/responsáveis revelam que tentam regular o acesso à Internet dos seus filhos (Dehue, Bolman & Völlink, 2008), o que pode ter um efeito no envolvimento do *cyberbullying*. Pesquisas sugerem que níveis mais baixos de envolvimento dos pais no acesso à Internet da criança estão relacionados ao aumento do risco de se tornarem *cyberbully* (perpetrador) (Barlett & Fennel, 2016).

As formas pelas quais os pais regulam o uso da Internet por seus filhos variam e tendem a ser descritas como restritivas ou avaliativas (Mesch, 2009). A mediação restritiva é realizada pelos pais e envolve atividades que restringem o uso da Internet por parte dos filhos. A mediação avaliativa é onde a adulto e jovem discutem o uso da Internet e desenvolvem regras em conjunto em relação ao tempo gasto e ao conteúdo a que podem ter acesso.

Num estudo de Livingstone (2007), foi comparado o nível de confiança a usar o computador/Internet, e o constatado foi que as crianças sentem-se mais confiantes em usar a Internet (92%) em comparação com os pais (69%). Também Beale e Hall (2007) ao observarem que as crianças são mais habilidosas em termos tecnológicos do que seus pais,

revelaram que estes são encorajados a educar-se sobre as siglas *online* comuns e sites de controlo parental, promover discussões sobre o comportamento *online* aceitável, entender as políticas escolares em relação ao *cyberbullying*, bem como aprender a informação que os jovens estão a receber na escola sobre tais comportamentos e desenvolver um acordo com seus filhos sobre sites apropriados ao qual podem aceder, a quantidade de tempo dispensada para estarem *online*, as medidas a serem tomadas se a criança for vítima *online* e que tipo de informações podem partilhar.

No que diz respeito ao controlo por parte dos adultos na utilização da internet, as regras mais mencionadas são o limite de tempo, a proibição de determinados *sites* e a transmissão de informação pessoal (Ferreira & Monteiro, 2009). Duerager & Livingstone (2012) revelaram que 89% dos pais impõem regras sobre as informações pessoais que o filho pode facultar *online*, 82% conversam com seus filhos - especialmente com as suas filhas - sobre o que fazem na internet, e 59% ficam nas proximidades enquanto este está *online*.

Ainda assim, os pais podem não estar dispostos ou podem não ser capazes de se envolver nestas situações. Bauman (2009) questionou os jovens dos EUA sobre as regras impostas pelos pais acerca da utilização da Internet em casa e descobriu que: (a) 44% dos pais não restringem o tempo de utilização do computador; (b) 55% dos pais não visualizam o histórico dos *sites* visitados; (c) 62% dos pais não instalam filtros ou bloqueadores *online*, e (d) 31% dos pais não têm discussões sobre comportamento *online* apropriado. Além disso, a pesquisa revelou que a percepção dos pais sobre as regras e o que é relatado pelas crianças não coincide.

Em 2016, um estudo de Barlett e Fennel mostrou que os pais tendiam a superestimar as regras que impõem aos seus filhos em relação ao tempo gasto *online* e discussões sobre o comportamento apropriado na Internet. Os resultados mostraram que os pais eram em grande parte inconscientes dos comportamentos de *cyberbullying* do seu filho. O mesmo estudo revelou que apenas a ignorância dos pais prediz positivamente a perpetração do *cyberbullying*. Por outras palavras, quanto menos os pais estão cientes das atividades *online* dos seus filhos, maior é a probabilidade de que a criança tenha comportamentos de *cyberbullying*, provavelmente causado pela crença de que os seus pais não saberão dessas ações.

A mediação parental é também um meio utilizado pelos pais no apoio, suporte e controlo do uso da internet pelas crianças e baseia-se nas estratégias, técnicas e práticas, estabelecidas pelos pais com o intuito de aumentar os benefícios e diminuir os riscos do uso da internet (Kirwil, 2009). Podem ser identificadas cinco estratégias de mediação parental

(Duerager & Livingstone, 2012) para o uso da Internet pelas crianças: (i) Mediação ativa, quando os pais falam ativamente com seus filhos ou compartilham atividades on-line; (ii) Mediação de segurança ativa, quando os pais conversam ativamente com seus filhos ou os aconselham sobre estratégias de segurança; (iii) Mediação restritiva, quando os pais estabelecem regras e restrições sobre como os seus filhos podem usar a internet; (iv) Monitorização, quando os pais monitorizam interações interpessoais dos seus filhos *online*; (v) Mediação técnica, quando os pais usam filtros técnicos ou ferramentas de controle parental.

As estratégias mais comuns, em termos médios, são as de mediação restritiva (93%) e activa (90% e 82%), seguindo-se a mediação técnica (69%) e, por último, a monitorização (38%) (Livingstone, Haddon, Görzig & Ólafsson, 2011). Duerager e Livingstone (2012) referem que os pais reduzem a sua mediação – especialmente as restrições - à medida que as crianças envelhecem. As diferenças por género são menos acentuadas, embora se verifique a tendência para serem principalmente os rapazes (mais velhos) a declararem menor mediação (Livingstone, Haddon, Görzig & Ólafsson, 2011).

No papel dos pais na mediação do uso de internet dos seus filhos, os estilos de parentalidade da Internet são outra área que mostra potencial para intervenção. Na teoria inicial de Baumrind (1966), esta focou-se principalmente na dimensão de controlo: a exigência dos pais, definida como “parental demandiness” (controlo parental), que se refere à medida em que os pais desejam que as crianças se integrem no todo da família, pelas suas exigências de maturidade, supervisão, esforços disciplinares e disposição para confrontar a criança que desobedece. Baumrind (1966) definiu três estilos parentais: autoritário, autoritativo e permissivo.

No estilo autoritário, existe por parte dos pais, uma tentativa de controlar e modelar, de forma rígida, as atitudes da criança. Valorizam a obediência total, e recorrem a medidas punitivas para que o seu filho se comporte de acordo com o que é exigido. As críticas ou ameaças são frequentes, ao contrário da existência de manifestações de afeto. No estilo autoritativo, existe um estabelecimento de regras e limites e um clima afetivo. A comunicação é positiva e os pais adequam o seu comportamento e atitudes face às características da criança (idade, capacidades e interesses). No estilo permissivo, os pais são vistos como recursos para os desejos dos filhos, e não como modelos. Neste estilo existe a ausência de normas ou regras, onde não é encorajando a obediência. Existe calor afetivo e comunicação positiva, mas sem exigências de maturidade.

Em 1983, Maccoby e Martin, distinguiram uma segunda dimensão, focada na responsividade parental e dividiram este último estilo em dois: o estilo indulgente e o negligente. No estilo indulgente, os pais têm uma alta responsividade, mas têm uma baixa exigência, e no estilo negligente os pais tem uma baixa responsividade e uma baixa exigência (Darling & Steinberg, 1993).

Os quatro estilos parentais ligados ao uso da internet (Valcke, Bonte, Wever & Rots, 2010), focam-se nas duas dimensões, sendo que, o controlo parental reflete-se no nível de orientação, travando certos comportamentos relacionados com a Internet e /ou apresentando regras, e a responsividade parental é caracterizada por um investimento na comunicação com os filhos, e por níveis de apoio, e são: (i) estilo parental indulgente, caracterizado por pais que não propõem limites explícitos, que abstêm-se de confrontos com seus os filhos, cedendo aos seus pedidos e seguindo as suas ideias e vontades. Têm alto nível de envolvimento (responsividade) e baixo nível de exigências (controlo parental); (ii) estilo parental negligente, reflete-se em baixos níveis de controlo e baixos níveis de envolvimento, onde os pais não refletem uma atitude de apoio ou restritiva para o uso da Internet por parte dos seus filhos; (iii) estilo parental autoritário, é caracterizado por pais que pedem obediência incondicional e seguem regras sem as explicar/fundamentar. Dificilmente discutem problemas sobre Internet, não estão abertos para o diálogo sobre o acesso à Internet, e insistem na aceitação das suas perceções sobre o uso da mesma. Este estilo representa os pais com baixo nível de envolvimento e alto controlo; (iv) e o estilo parental autoritativo reflete-se nos pais que estabelecem regras claras, que não limitam explicitamente o comportamento, mas esperam que os seus filhos sejam responsáveis e se comportem de forma autorregulada. Em vez disso, propõem regras práticas, por exemplo, em relação ao tempo de Internet. Os pais revelam um alto nível de envolvimento e controlo.

Segundo alguns estudos, existem características dos pais que estão relacionadas com os estilos parentais. As mães tendem a adotar principalmente um estilo autoritativo, em comparação com um estilo autoritário dominante dos pais (Aunola, Stattin & Nurmi, 2000; Valcke, Bonte, Wever & Rots, 2010).

Wang, Bianchi e Raley (2005) referem que os pais com um maior conhecimento da Internet, estão conscientes dos riscos da mesma e refletem diferentes comportamentos parentais em relação ao uso da Internet por parte dos seus filhos, considerando o controlo e o apoio importantes.

O controlo parental e a responsividade parental podem ajudar a desenvolver a resiliência em crianças que compreendem os riscos da Internet e levar a que estas adotem um uso promissor da mesma. Mas alguns resultados parecem ser um pouco ambíguos.

Rosen, Cheever e Carrier (2008) referem que o estilo parental está relacionado ao comportamento da criança na Internet, e a maioria dos estudos referem-se a tipos de controlo parental e /ou responsividade para identificar intervenções de sucesso. Também um estudo sobre o controlo parental de Eastin, Greenberg e Hofschire (2006) mostrou que o estilo parental tem um efeito significativo em quase todas as técnicas de mediação investigadas. Os pais autoritativos usam um maior número de técnicas de mediação restritivas em comparação com os pais autoritários e negligentes. Independentemente do estilo parental, os pais cujos filhos têm acesso à Internet no seu quarto passam mais tempo *online*, sendo que o tempo online quase duplica nesta situação. A idade e o género apontam para uma distinção clara nas técnicas de mediação utilizadas. Os resultados sugerem que os pais colocam mais restrições de tempo e conteúdo aos filhos mais jovens, embora idade e género não tenham efeitos no tempo que passam *online*.

No entanto, um estudo de Lee e Chae (2007), revela que não existe nenhuma relação entre o comportamento restritivo dos pais e o uso real da Internet por parte das crianças. Contudo, esta situação não vai ao encontro com os resultados relatados por Valcke, Schellens, Van Keer e Gerarts (2007) que verificaram que as crianças que experimentavam o controlo explícito dos pais relatavam menos comportamentos de risco na Internet.

Mas não são muitas as pesquisas que relacionam o impacto dos estilos parentais ao uso real da Internet por crianças pequenas.

A pesquisa sobre a responsividade parental é mais conclusiva. O apoio dos pais parece resultar num uso mais seguro da Internet (Fleming, Greentree, Cocotti-Muller, Elias & Morrison, 2006). O suporte, ajudado pela comunicação sobre a Internet, parece resultar numa maior educação sobre o uso da Internet e numa maior percentagem de comportamento interativo *online* positivo (Lee & Chae, 2007).

No estudo de Valcke, Bonte, Wever & Rots (2010), o estilo parental mais observado pelos pais foi o estilo autoritativo, seguido pelo indulgente, autoritário, e o estilo negligente. Verificaram também que existe uma relação significativa, moderada e positiva entre o controlo parental e a responsividade parental, sendo que os pais que exercem um certo nível de controlo, na maioria adotam um relacionamento mais carinhoso com seus filhos, e vice-versa. A atitude em relação à Internet também resulta em diferenças significativas no controlo parental e na responsividade parental. Uma atitude relativamente positiva em relação à

Internet resulta num maior controlo parental, em comparação com os pais com uma atitude menos positiva, e o mesmo se aplica à responsividade.

Um estudo de Ihmeideh e Shawareb (2014) conclui que o estilo parental desempenha um papel significativo na limitação da exposição das crianças à Internet, sendo que o estilo autoritativo de parentalidade foi um preditor significativo do uso da Internet pelas crianças.

Em suma, com a crescente utilização das TIC por parte dos mais jovens, a maioria dos pais procuram acompanhar este desenvolvimento, e adotam diferentes técnicas, sendo que o limitação do tempo na internet, a proibição de determinados *sites* e a transmissão determinadas informações são as mais comuns. Contudo, nem sempre o reportado pelos pais e correspondente ao comportamento dos filhos.

Cada pai adota um estilo diferente no que diz respeito ao uso da internet, sendo que foram definidos quatro estilos, com base na dimensão de controlo parental e responsividade parental: estilo parental indulgente, sendo que pais agem de forma não punitiva, normalmente bastante recetivos aos desejos dos filhos e pouco exigentes na aplicação de regras; estilo parental negligente, onde pais têm pouca disponibilidade para responder aos pedidos dos filhos e pouco autoritários na aplicação de regras; estilo parental autoritativo, onde os pais aplicam regras e as normas, explicando à criança o porquê das mesmas; e o estilo parental autoritário, onde os pais tentam controlar e modelar o comportamento das crianças segundo regras que geralmente não são explicadas ou discutidas.

Nem todos os estudos são claros na eficiência do controlo parental no uso promissor da internet, mas em relação à responsividade, o apoio dos pais parece resultar num uso mais seguro da mesma. Com este estudo, pretendemos contribuir para uma melhor clarificação desta temática.

1.3. Bem-estar subjetivo

De acordo com Mesch (2009) existem cada vez mais evidências de que as vítimas de *cyberbullying* apresentam efeitos negativos especialmente no seu bem-estar.

Segundo Ryan e Deci (2001) o bem-estar pode ser organizado em duas perspetivas: uma que aborda o estado subjetivo de felicidade, dominado por bem-estar subjetivo, que adota uma visão de bem-estar como prazer ou felicidade, e a outra, que investiga o potencial humano, dominado por bem-estar psicológico, que se apoia na noção de que bem-estar que consiste no pleno funcionamento das potencialidades de uma pessoa, ou seja, na sua capacidade de pensar, usar o raciocínio e o bom senso (Siqueira & Padovam, 2008).

O bem-estar subjetivo (BES), procura compreender as avaliações que as pessoas fazem das suas vidas (Diener, Suh & Oishi, 1997). Essas avaliações devem ser cognitivas (satisfações globais com a vida e com outros domínios específicos) e devem incluir também uma análise pessoal sobre a frequência com que se experimentam emoções positivas e negativas. Para que seja verificado um nível de BES adequado, é necessário que o indivíduo reconheça manter um nível elevado de satisfação com a vida, alta frequência de experiências emocionais positivas e uma baixa frequência de experiências emocionais negativas.

O BES é um conceito que requer uma autoavaliação, ou seja, este só pode ser observado e relatado pelo próprio indivíduo. Para obter o BES, é necessário considerar que cada pessoa avalia a sua própria vida apoiando-se nas suas próprias expectativas, valores, emoções e experiências prévias. As experiências emocionais são também importantes, pois a análise sobre o bem-estar pode estar muito mais relacionada com a frequência com que se experimenta uma emoção positiva, do que à intensidade dessa emoção (Diener, Scollon & Lucas, 2003).

Existe uma discussão sobre o impacto da comunicação *online* sobre o bem-estar dos jovens. Por um lado, a comunicação com a Internet poderia ter consequências positivas, por exemplo, aumentando o apoio social, facilitando as conexões com os amigos ou facilitando a formação de novas relações (Kraut, Kiesler, Boneva, Cummings, Helgeson & Crawford, 2002). Por outro lado, existe a preocupação sobre o uso excessivo da Internet e os seus potenciais efeitos nocivos sobre o bem-estar dos jovens. Vários estudos já abordaram as potencialidades viciantes da Internet, com o vício na Internet sendo definido por características essenciais como, a perda de controlo, sintomas de abstinência, preocupação e conflitos intra e interpessoais (Van Den Eijnden, Meerkerk, Vermulst, Spijkerman & Engels, 2008).

Existem também estudos que vêm confirmar que o uso da Internet pelos jovens está associado a uma diminuição do bem-estar (Çikrikci, 2016; Van Den Eijnden, Meerkerk, Vermulst, Spijkerman & Engels, 2008), mas nem todos têm a mesma conclusão. Num estudo de Joronen e Astedt-Kurti (2005), a família parece ter impacto no bem-estar dos jovens, sendo que uma boa comunicação, uma relação segura e o fazer atividades em conjunto faz com que os jovens apresentem um maior bem-estar. Camacho, Tomé, Matos, Simões e Diniz (2012), estudaram o efeito da monitorização parental percebida nos comportamentos de risco, e verificaram que os jovens que apresentam uma maior monitorização por parte dos pais apresentam uma maior satisfação com a vida e são mais felizes, apresentam menos sintomas físicos e psicológicos e apresentam menos comportamentos de risco. Os que possuem uma

menor monitorização por parte dos pais são aqueles que estão menos satisfeitos com a vida, são mais infelizes, têm mais sintomas físicos e psicológicos e apresentam mais comportamentos de risco (consumo de substâncias e violência).

Investigações recentes, revelaram também que os adolescentes com um uso problemático da internet, tinham pontuações baixas em todas as dimensões da satisfação com vida (Cao, Sun, Wan, Hao & Tao, 2011).

A literatura ainda é escassa sobre o facto de as crianças que têm um menor número de comportamentos de risco na Internet revelarem um maior bem-estar, quando comparadas com as que apresentam mais comportamentos de risco. Assim sendo leva-nos a pensar que, à semelhança do estudo de Camacho et al. (2012) em que crianças menos satisfeitas com a vida, são mais infelizes, e apresentam um maior número de comportamentos de risco, como o consumo de substâncias e violência, também irão revelar comportamentos de risco ao nível da internet. Com este estudo, esperamos contribuir para um melhor esclarecimento acerca desta temática.

1.4. Objetivos e hipóteses de investigação

Com esta investigação pretende-se verificar se os estilos parentais e a mediação parental na internet reduzem o comportamento de risco das crianças na internet, e se esses comportamentos estão associados ao nível do bem-estar. A importância deste trabalho foca-se no envolvimento da sociedade, nomeadamente dos pais, nesta temática, sendo que existem poucos estudo e programas que os orientem para esta nova realidade.

A presente investigação pretende responder à questão, se os estilos parentais e a mediação parental na internet reduzem o comportamento de risco das crianças, e que efeito os comportamentos de risco têm no bem-estar da criança.

Com base na revisão de literatura efetuada, foram formuladas as seguintes hipóteses:

Hipótese 1: Quanto mais são utilizadas estratégias de mediação parental ativa, menos são os comportamentos de risco dos filhos na internet.

Hipótese 2: O estilo parental autoritativo está associado a um menor número de comportamentos de risco das crianças na Internet.

Hipótese 3: Crianças com menor número de comportamentos de risco na Internet revelam um maior bem-estar subjetivo.

II - Metodologia

2.1. Participantes

No presente estudo foi utilizada uma amostra de 134 participantes, 67 pais/encarregados de educação de alunos que frequentam o ensino básico (6º ano) ou o terceiro ciclo (7º, 8º e 9º ano) num Agrupamento de Escolas, do concelho de Almada, e os respetivos filhos/educandos (67 crianças) que frequentam o ensino básico (5º e 6º ano) ou o terceiro ciclo (7º, 8º e 9º ano) no mesmo agrupamento.

Os pais têm idades compreendidas entre os 32 e 65 anos (M= 44,09, DP= 5,32) sendo que a grande maioria tem entre os 40 e 49 anos (69,7%; N=46) e são do sexo feminino (88,1%, N= 59).

Quadro 2.1 *Caracterização sociodemográfica dos Pais/Encarregados de Educação (N=67)*

Variáveis	N	%
Sexo		
Feminino	59	88,1
Masculino	8	11,9
Idade		
32-39	11	16,7
40-49	46	69,7
50-59	8	12,1
60-65	1	1,5

Quanto à nacionalidade 64 (95,5%) são Portugueses e apenas 3 (4,5%) têm nacionalidade Brasileira. A grande maioria é natural de Lisboa (54%, N= 34) e Setúbal (9,5%,N= 6) e 20,7% (N= 13) são naturais de outros países (Angola, Moçambique, Venezuela, Brasil, Cabo Verde, Moldávia e Roménia).

Face à profissão, segundo a classificação de Graffar¹, com base no critério da profissão, a maioria dos pais (40,6%, N=26) enquadram-se no 1º grau (diretores de bancos, diretores técnicos de empresas, licenciados, engenheiros, profissionais com títulos universitários ou de escolas especiais, militares de alta patente, empresários, gestores e jornalistas) e 31,3% (N= 20) no 3º grau (ajudantes técnicos, desenhadores, caixeiros,

¹ - **Classificação de Graffar** é uma classificação social internacional estabelecida em Bruxelas, Bélgica, pelo Professor Graffar. Este método baseia-se no estudo de um conjunto de cinco critérios – profissão, nível de instrução, fontes de rendimento familiar, conforto do alojamento e aspeto do bairro onde habita. Para a presente investigação será considerado apenas o critério profissão, constituído por cinco graus: 1ª grau (Diretores de bancos, diretores técnicos de empresas, licenciados, engenheiros, profissionais com títulos universitários ou de escolas especiais, militares de alta patente, empresários e gestores), 2º grau (Chefes de secções administrativas ou de negócios de grandes empresas, subdiretores de bancos, peritos, técnicos, comerciantes, gerentes e contabilistas), 3º grau (Ajudantes técnicos, desenhadores, caixeiros, contramestres, oficiais de primeira, encarregados, capatazes, mestres-de-obras e administrativos), 4º grau (motoristas, polícias, cozinheiros, secretários, amas, cabeleireiras, escriturárias), 5º grau (trabalhadores não especializados, ex: ajudantes de cozinha, mulheres de limpeza)

contramestres, oficiais de primeira, encarregados, capatazes, mestres-de-obras, administrativos, bancários, mediadores e gestores de serviços).

Quadro 2.2 *Caracterização da Profissão dos Pais/Encarregados de Educação (N=67)*

Variáveis	N	%
Profissão		
1º Grau	26	40,6
2º Grau	4	6,3
3º Grau	20	31,3
4º Grau	8	12,5
5º Grau	3	4,7
Desempregado	3	4,7

As crianças têm idades compreendidas entre os 11 e 17 anos (M=13,69, DP=1,44) sendo que a maioria são do sexo feminino (55,2%, N=37). Em relação à escolaridade, 46,3% (N=31) frequentam o 9º ano, 23,9% (N=16) o 7º ano e 19,4% (N=13) o 8º ano. Relativamente à existência de irmãos, 74,2% (N=49) das crianças responderam afirmativamente a esta questão, sendo que a maioria vive com 1 ou 2 irmãos (72,9%, N=35).

Quadro 2.3 *Caracterização sociodemográfica das crianças (N=67)*

Variáveis	N	%
Sexo		
Feminino	37	55,2
Masculino	30	44,8
Idade		
11-12	20	23,0
13-14	54	62,1
15-17	12	13,6
Escolaridade		
6º ano	6	9,0
7º ano	16	23,9
8º ano	13	19,4
9º ano	31	46,3
10 ano	1	1,5
Irmãos		
Sim	49	74,2
Não	17	25,8
Nº de irmãos que vivem com a criança		
0	11	22,9
1-2	35	72,9
3-5	2	4,2

2.2. Instrumento

Para a realização deste estudo recorreremos ao método quantitativo utilizando dois questionários, um destinado a pais, e outro a filhos.

O questionário dos pais está dividido em quatro partes: (i) informações sociodemográficas; (ii) questões relacionadas com a utilização da internet; (iii) questões sobre os seus comportamentos face à utilização da internet pelo/a filho/a; (iv) questões referentes a estratégias de mediação da utilização da internet.

Na primeira parte do questionário pretende-se recolher informação demográfica acerca dos participantes, pelo que foram questionados quanto à idade, sexo, profissão, nacionalidade, naturalidade e escolaridade.

Na segunda parte pretende-se verificar os conhecimentos e a utilização que os pais fazem da internet e redes sociais, sendo que existe 7 perguntas sobre a utilização da internet e as redes sociais, se usam ou não, quantas vezes, em que aparelhos e locais, e se sentem-se confiantes na sua utilização. As duas perguntas finais nesta segunda parte estão relacionadas com o número de filhos que vivem no seu agregado familiar e as suas idades.

Na terceira parte pretende-se obter informação sobre os comportamentos dos pais face à utilização da internet pelos filhos, pelo que foi utilizada a escala Internet Parenting Style Instrument (IPSI) (Valcke, Bonte, DeWever & Rots (2010), composta por 25 questões, relacionadas com o controlo parental e com a responsividade parental, avaliadas numa escala de Likert de 1 (Nunca) a 5 (Sempre).

O Controlo parental é constituído por 11 itens, divididos por três dimensões: Supervisão, composta por quatro itens (ex.: *“Eu estou por perto quando o meu filho/a navega na internet.”*), Cessão do uso da Internet, composta por dois itens (ex.: *“Eu interrompo o meu filho/a quando ele/a visita um site menos adequado”*) e Regras de uso da Internet, composta por cinco itens (ex.: *“Eu limito o tipo de websites que o meu filho/a está autorizado a visitar”*). A Responsividade Parental é constituída por 14 itens, divididos por duas dimensões: Comunicação, composta por 11 itens (ex.: *“Eu falo com o meu filho/a sobre quem ele/a conhece através da internet”*) e Suporte, composto por 3 itens (ex.: *“Eu mostro ao meu filho/a como navegar com segurança na internet”*). Relativamente às qualidades psicométricas, esta escala reflete uma boa consistência interna, com os valores de alfa de Cronbach de 0,78 para o Controlo Parental e 0,90 para a Responsividade Parental. No presente estudo os valores do alfa de Cronbach são de 0,95, para o total de itens, 0,84 para o Controlo Parental e 0,95 para a Responsividade Parental.

Na quarta e última parte, para avaliação da mediação parental foi utilizado um conjunto de estratégias (Duerager & Livingstone, 2012; EU Kids Online, 2014), no qual são definidas cinco tipologias de estratégias de mediação utilizadas pelos pais, nomeadamente: Mediação ativa, composta por oito itens - é caracterizada pela presença dos pais durante a utilização da internet por parte da criança, conversando sobre as atividades que esta desenvolve *online* (ex. “*Fica por perto quando ele/ela usa a internet*”); Mediação de segurança ativa, composta por 6 itens – na qual os pais orientam as atividades da criança para que esta navegue de uma forma segura (ex.: “*Deu sugestões de como usar a internet com segurança*”); Mediação Restritiva, composta por seis itens – caracterizada pela imposição de regras que restringem atividades *online* (ex.: *O/A seu/sua filho/a tem permissão para dar informações pessoais a outras pessoas na internet?*); Monitorização, composta por quatro itens - na qual os pais monitorizam a atividade *online* da criança após a utilização da mesma (ex.: *Às vezes verifica quais os sites que ele/ela visitou?*), e Mediação técnica, composta por quatro itens - consiste na utilização de software para filtrar, restringir ou monitorizar a utilização que a criança faz da Internet (ex.: *Utiliza ferramentas de controlo parental ou outros meios para bloquear ou filtrar alguns tipos de sites?*). Para cada uma destas cinco estratégias mencionadas será colocada uma questão, e serão apresentados diversos itens, aos quais os pais deverão dar uma resposta, utilizando a escala de Likert de 5 pontos (em que 1 corresponde a Nunca e 5 a Sempre) que melhor descreva o seu comportamento. No presente estudo os valores do alfa de *Cronbach* são de 0,95, para o total de itens, 0,89 para a Mediação ativa, 0,97 para a Mediação de segurança ativa, 0,78 para a Mediação restritiva, 0,89 para a Monitorização e 0,82 para a Mediação técnica.

No final do questionário são colocados 18 exemplos de ferramentas ou métodos, em que os pais devem responder se têm ou não conhecimento dos mesmos ou se já os utilizaram, através de uma escala de 4 pontos, em que o 1 corresponde a não conheço e 4 corresponde a conheço e já utilizei.

O questionário dos filhos está dividido em seis partes: (i) informações sociodemográficas; (ii) questões relacionadas com a utilização da internet; (iii) situações ocorridas na internet; (iv) comportamentos adotados quando algo desagradável acontece; (v) sentimentos experienciados nas últimas semanas; (vi) afirmações relacionada com satisfação geral com a tua vida.

Na primeira parte pretende-se recolher informação demográfica acerca dos participantes, pelo que são questionados quanto à idade, sexo, nível de escolaridade, a existência de irmãos e as suas idades.

Na segunda parte, pretende-se verificar os conhecimentos e a utilização que fazem da internet e redes sociais, sendo que as questões prendem-se com o uso da internet, redes sociais e a frequência de utilização, bem como os locais e aparelhos que utilizam, o nível de confiança face ao uso da Internet, e quais as redes sociais utilizadas. Existem ainda duas questões sobre a visibilidade do perfil utilizado nas redes sociais e informações visíveis no mesmo.

Na terceira parte pretende-se avaliar os comportamentos de risco evidenciados pelas crianças no uso da internet, pelo que foi apresentada uma lista de diferentes situações de risco (Livingstone, Haddon, Görzig & Ólafsson, 2011) às quais a criança deverá responder utilizando a escala apresentada para o efeito. São apresentados 35 comportamentos, sendo três relacionadas com a visualização de imagens sexuais (ex.: *Ver imagens ou vídeos de pessoas nuas*), oito sobre *bullying* (ex.: *Ser alvo de agressividade por parte de outra pessoa na internet*), oito acerca de mensagens sobre sexo (*sexting*) (ex.: *Receber mensagens sexuais pela internet*), quatro relacionadas com novos contactos *online* e *offline* (ex.: *Ter encontros com pessoas que conheci pela internet*), seis questões sobre o uso indevido de informações pessoais (ex.: *Dar informações acerca dos meus principais passatempos, interesses e rotinas diárias em conversas com desconhecidos*), e por fim, seis questões sobre outro tipo de riscos (ex.: *Visitar sites sobre formas de cometer suicídio*). No presente estudo os valores do alfa de Cronbach são de 0,88, para o total de itens, 0,88 para a visualização de imagens sexuais, 0,60 para o *bullying*, 0,74 para o *sexting*, 0,68 para novos contactos *online* e *offline*, 0,66 para o uso indevido de informações pessoais (foram retirados 2 itens pelo seu baixo contributo para a consistência interna), e 0,87 para outro tipo de riscos.

Nesta seção ainda foram colocadas questões relacionadas com a exposição a situações de risco (ex.: *Nos últimos 2 meses, alguma vez ofenderam-te através da Internet ou do telemóvel?*) e estratégias para lidar com estas situações (ex.: *Falas com os teus pais ou outros adultos de confiança sobre o problema*).

A última parte deste questionário, está reservada ao bem-estar. Foi utilizada a Escala de experiências positivas e negativas (Scale of Positive and Negative Experience - SPANE) (Diener, Wirtz, Tov, Kim-Prieto, Choi, Oishi & Biswas-Diener, 2009) constituída por 12 afetos, sendo que seis são positivos (ex.: *Feliz*) e seis são negativos (ex.: *Desagradável*) onde a criança indica com que frequência experienciou cada um dos sentimentos indicados através de uma escala tipo *Likert*, em que 1 corresponde a *Nunca* e 5 a *Sempre*. Relativamente às qualidades psicométricas, a escala apresenta um alfa de Cronbach de 0,84 para os afetos

positivos e 0,80 para os afetos negativos, sendo que no presente estudo os valores do alfa de *Cronbach* são de 0,867 para os afetos positivos e 0,78 para os afetos negativos.

Por fim é apresentada a Escala de Satisfação com a vida (Satisfaction with Life Scale – SWLS (Diener, Emmons, Larsen & Griffin, 1985) onde são apresentadas cinco afirmações relacionadas com a satisfação com a vida (ex.: “As minhas condições de vida são excelentes”), em que cada criança tem de selecionar a sua resposta na medida em que concorda ou não com cada afirmação, através de uma escala de resposta de 5 pontos, em que 1 corresponde a discordo totalmente e 5 a concordo totalmente. Quanto às qualidades psicométricas, a escala apresenta um alfa de Cronbach de 0,87, e no presente estudo os valores do alfa de *Cronbach* são de 0,73.

2.3. Procedimentos

Para a realização deste estudo, os dados foram recolhidos num agrupamento de escolas do concelho de Almada. Primeiramente foi solicitada a autorização para a aplicação de questionários a pais e alunos do 5º ao 9º ano, junto do conselho diretivo do agrupamento, bem como à Direção Geral de Ensino, uma exigência por parte do Diretor do Agrupamento.

Após as autorizações de ambas as partes, foram definidas as datas para a aplicação dos questionários, sendo que ficou definido que seriam aplicados durante as reuniões de encarregados de educação do 2º período. Foram distribuídos aleatoriamente pelas 34 turmas do agrupamento um envelope com várias micas e em cada uma constavam dois questionários e respetivos consentimentos para a participação no estudo, devidamente identificados. Antes da aplicação, foi enviado para todos os Diretores de Turma e Diretor do Agrupamento um *e-mail* com todos os procedimentos para a entrega e recolha dos questionários.

No total foram recolhidos 137 questionários, sendo que 67 foram preenchidos pelo pai e respetivo filho/a, sendo estes últimos, os dados utilizados para a presente investigação.

As questões éticas e deontológicas inerentes ao estudo foram cumpridas, assegurando em todos os momentos a confidencialidade, privacidade e proteção dos dados, utilizados única e exclusivamente para a presente investigação. Os participantes foram informados que a sua participação era voluntária e que a qualquer momento podiam cessar a sua colaboração, sem qualquer tipo de consequências. Os menores só poderiam participar no estudo após a autorização dos pais/encarregados de educação, e se os próprios tivessem vontade de o fazer.

III - Resultados

3.1. Uso da Internet e Redes Sociais

Em relação à utilização da internet por parte dos pais, de acordo com as respostas dadas, 98,5% (N=65) usam a internet e 95,4% (N=62) afirma fazê-lo diariamente. Quanto aos locais de acesso, a casa é o local onde mais é utilizada (93,8%, N=61), seguido pelo trabalho (66,2%, N=43) e o telemóvel (98,3%, N=58) é o aparelho mais utilizado para o mesmo. Quando questionados sobre o nível de confiança na utilização da internet, 87,5% descrevem-se com muito confiantes (17,2%, N=18) ou confiantes (70,3%, N=66).

Quadro 3.1 *Uso da Internet por parte dos Pais/Encarregados de Educação*

Variáveis	N	%
Usa a Internet		
Sim	65	98,5
Não	1	1,5
Se sim, quantas vezes?		
Diariamente	62	95,4
Semanalmente	3	4,6
Em que Locais?		
Trabalho	43	66,2
Casa	61	93,8
Espaços públicos	18	28,6
Outros: Transportes	2	3,0
Em que aparelhos?		
Telemóvel	58	98,3
Tablet	19	47,5
Computador portátil	40	76,9
Computador secretária	36	72,0
Nível de confiança a usar a Internet		
Muito confiante	11	17,2
Confiante	45	70,3
Pouco confiante	7	10,9
Nada confiante	1	1,6

Em relação às redes sociais, 83,3% (N=55) afirmam utilizar, sendo que 66,7% (N=36) o faz diariamente, e a rede social mais utilizada é o *Facebook* (96,4%, N=53).

Quadro 3.2 *Uso das Redes Sociais por parte dos Pais/Encarregados de Educação*

Variáveis	N	%
Usa as redes sociais?		
Sim	55	83,3
Não	11	16,7

Se sim, quantas vezes?

Diariamente	36	66,7
Semanalmente	14	25,9
Mensalmente	1	1,9
Menos que mensalmente	3	5,6

Se sim, quais as redes sociais?

Facebook	53	96,4
Twitter	3	4,5
Instagram	14	25,5
Whatsapp	25	45,5
Viber	1	1,8
LinkedIn	9	16,4
Outros: Google+	1	1,5

Quanto aos filhos, 100% (N=67) afirma utilizar a internet, sendo que 92,4% (N=61) o faz diariamente. Relativamente aos locais de acesso, a casa é o local onde todos acedem (100%, N=67), seguida pela escola (50,7%, N=34) e o telemóvel (96,9%, N=62) é o aparelho mais utilizado para o mesmo, tal como verificado nos pais. Sobre a confiança na utilização da internet, 90,9% consideram sentir-se muito confiantes (27,3%, N=18) ou confiantes (63,6%, N=42).

Quadro 3.3 *Uso da Internet por parte das crianças*

Variáveis	N	%
Usa a Internet		
Sim	67	100
Se sim, quantas vezes?		
Diariamente	61	92,4
Semanalmente	5	7,6
Em que Locais?		
Escola	34	50,7
Casa	67	100
Espaços públicos	29	43,9
Em que aparelhos?		
Telemóvel	62	96,9
Tablet	32	57,1
Computador portátil	42	77,8
Computador secretária	21	50
Outros: Playstaion	1	1,1
Nível de confiança a usar a Internet		
Muito confiante	18	27,3
Confiante	42	63,6
Pouco confiante	6	9,1

Em relação às redes sociais, os resultados são diferentes às respostas dadas pelos pais, sendo que a mais utilizada é o *Whatsapp* (87,7%, N=57), seguida pelo *Instagram* (78,5%, N=51) e o *Facebook* (67,7%, N=44), sendo que 93,8% (N=61) as utiliza diariamente.

Quadro 3.4 *Uso das Redes Sociais por parte das crianças*

Variáveis	N	%
Usa as redes sociais?		
Sim	65	97
Não	2	3
Se sim, quantas vezes?		
Diariamente	61	93,8
Semanalmente	4	6,2
Se sim, quais as redes sociais?		
Facebook	44	67,7
Twitter	21	32,3
Instagram	51	78,5
Whatsapp	57	87,7
Viber	1	1,5
Outros Redes sociais:		
Discord	1	1,5
Slack	1	1,5
Messenger	3	4,5
Snapchat	10	14,9
Tumblr	1	1,5
Skype	1	1,5
Pinterest	1	1,5
Youtube	1	1,5

Quando questionados sobre o perfil que usam nas redes sociais, 73,4% (N=47) respondeu que este é privado e apenas os amigos o podem ver, e as informações visíveis são o apelido (95,2%, N=60), a escola (33,9%, N=19) e muitos não revelam a idade verdadeira (45,8%, N=27), sendo que apenas 27,6% (N=16) o faz. O número de telefone (10,3%, N=6) e a morada (1,8%, N=1) são as informações menos divulgadas.

Quadro 3.5 *Perfil das crianças nas Redes Sociais*

Variáveis	N	%
O teu perfil, nas redes sociais é...		
Público, e todos podem ver	8	12,5
Parcialmente privado, e os amigos dos teus amigos podem ver	7	10,9
Privado, e apenas os teus amigos podem ver	47	73,4
Não sabes	2	3,1

Quadro 3.6 *Informações visíveis das crianças nas Redes Sociais*

Variáveis	Sim		Não	
	N	%	N	%
Qual ou quais informações tens visível no teu perfil?				
Apelido	60	95,2	3	4,8
Morada	1	1,8	55	98,2
Número de telefone	6	10,3	52	89,7
Escola	19	33,9	37	66,1
Idade verdadeira	16	27,6	42	72,4
Idade que não é verdadeira	27	45,8	32	54,2

3.2. Estilos Parentais na Internet

No que diz respeito ao comportamento dos pais face à utilização da Internet por parte dos filhos, a análise indica que o estilo mais utilizado é o estilo autoritativo (45,3%, N=24), seguido pelo negligente e indulgente (ambos com 26,4%, N=14) e por último o autoritário (1,9%, N=1).

Quadro 3.7 *Estilos Parentais*

Variáveis	N	%
Autoritativo	24	45,3
Negligente	14	26,4
Indulgente	14	26,4
Autoritário	1	1,9

3.3. Estratégias de mediação parental

No que diz respeito às estratégias utilizadas pelos pais, a análise indica que a mediação de segurança ativa é a mais utilizada pelos mesmos (M=3,91; DP=0,93), sendo que “*Dar sugestões de como se comportar em relação a outras pessoas na internet*” é a prática mais evidenciada pelos pais (M=4,24; DP=0,94). A mediação restritiva é a segunda mais utilizada (M=3,45; DP=0,77), onde os pais dão permissão para realizar algumas situações, sendo que a com maior permissão é “*Ver videoclipes na Internet*” (M=4,30; DP=0,72). A estratégia menos utilizada é a mediação técnica (M=2,41; DP=1,08), sendo que utilizar “*um serviço para limitar o tempo que o/a seu/sua filho/a passa na internet*” é o menos assinalado (M=1,91; DP= 1,08).

Quadro 3.8 *Médias das estratégias de mediação parental utilizadas pelos pais*

Variáveis	N	M	DP
-----------	---	---	----

Mediação Ativa	67	3,07	0,74
Mediação de Segurança Ativa	67	3,91	0,93
Mediação Restritiva	67	3,45	0,77
Monotorização	67	2,87	1,09
Mediação Técnica	67	2,41	1,08

Relativamente às ferramentas e métodos mais utilizados, os “*programas antivírus*” (M=3,57; DP=0,92), “*verificar autorizações quando instala uma aplicação, jogo ou programa*” (M=3,37; DP=1,01) “*pesquisa das páginas da internet visitadas*” (M=3,34; DP=1,10), “*uso de palavra-passe para bloquear ecrã ou imagens*” (M=3,27; DP=1,07) e “*usos e características de diferentes níveis de privacidade nas redes sociais*” (M=3,04; DP=1,22) são os mais referidos.

3.4. Riscos na internet

No sentido de verificar os comportamentos de risco evidenciados pelas crianças foi utilizada uma lista com 35 comportamentos de risco identificados na literatura. Estes comportamentos foram divididos em cinco categorias de riscos, nomeadamente: Imagens sexuais, *Bullying*, *Sexting* (mensagens sobre sexo), Contactos *Online/Offline*, Uso indevido de informações pessoais e Outros riscos.

Os comportamentos de riscos mais evidenciado foram os Contactos *Online/Offline* (44,8%, N=37).

Quadro 3.9 Comportamentos de risco

Variáveis	Sim		Não	
	N	%	N	%
Comportamentos de Risco				
Imagens sexuais	11	16,4	56	83,6
Bullying	14	20,9	53	79,1
Sexting	17	25,4	50	74,6
Contactos Online/Offline	30	44,8	37	55,2
Uso indevido de informações pessoais	8	11,9	59	88,1
Outros riscos	6	9,0	61	91,0

Relativamente às Imagens sexuais, 14,9% (N=10) dizem “*visitar um site pornográfico*”, 10,4% (N=7) indicam “*ver imagens ou vídeos de pessoas a fazer sexo*” e 9% (N=6) revelam “*ver imagens ou vídeos de pessoas nuas*”.

Quadro 3.10 *Comportamentos de risco: Imagens Sexuais*

Variáveis	N	%
Imagens Sexuais		
Ver imagens ou vídeos de pessoas nuas	6	9,0
Ver imagens ou vídeos de pessoas a fazer sexo	7	10,4
Visitar um <i>site</i> pornográfico	10	14,9

Sobre o *Bullying*, 9% (N=6) indicam “*ser alvo de agressividade por parte de outra pessoa na internet*”, e também 9% (N=6) revelam “*ser ameaçado pela internet*”.

Quadro 3.11 *Comportamentos de risco: Bullying*

Variáveis	N	%
Bullying		
Ser alvo de agressividade por parte de outra pessoa na internet	6	9,0
Foram divulgadas ou publicadas mensagens desagradáveis sobre mim na internet	2	3,0
Foram publicados vídeos desagradáveis sobre mim na internet	0	0
Ser ameaçado pela internet	6	9,0
Ser chantageado pela internet	4	6,0
Ser excluído ou deixado de fora de um grupo de amigos na internet	4	6,1
Ser agressivo ou agir de forma a magoar outra pessoa pela internet	4	6,1
Enviar ou publicar imagens, mensagens ou vídeos desagradáveis sobre outra pessoa	1	1,5

Relativamente ao *Sexting*, 19,4% (N=13) indicaram que já lhes foram pedidas, pela internet, fotos ou vídeos das partes privadas, 11,9% (N=8), referiram que já lhes foi pedido para falar sobre atos sexuais com alguém pela internet, e 9% (N=6) receberam mensagens de carácter sexual pela internet.

Quadro 3.12 *Comportamentos de risco: Sexting*

Variáveis	N	%
Sexting		
Enviar uma foto ou vídeo sobre as minhas partes privada a alguém que eu nunca conheci pessoalmente	1	1,5
Enviar uma foto ou um vídeo sobre as minhas partes privadas para amigos ou conhecidos	0	0
Enviar mensagens sexuais na internet	1	1,5
Receber mensagens sexuais pela internet	6	9,0
Já me pediram, pela internet, fotos ou vídeos das minhas partes privadas	13	19,4
Já me pediram, pela internet, para falar sobre atos sexuais com	8	11,9

alguém		
Receber imagens/vídeos pornográficos de amigos ou conhecidos	5	7,5
Receber imagens/vídeos pornográficos de alguém que conhecesse pela internet	4	6,0

Sobre os Contactos *online/offline*, 22 crianças (32,8%) afirmam “procurar novos amigos na internet” e 20 (29,9%) adicionam à lista de amigos, nas redes sociais, pessoas que não conhecem pessoalmente.

Quadro 3.13 *Comportamentos de risco: Contactos Online/Offline*

Variáveis	N	%
Contactos online/offline		
Procurar novos amigos na internet	22	32,8
Adicionar à minha lista de amigos, nas redes sociais, pessoas que não conheço pessoalmente	20	29,9
Marcar encontros, pela internet e/ou telemóvel, com alguém que não conhecia pessoalmente	4	6,0
Ter encontros com pessoas que conheci pela internet	5	7,5

Relativamente ao uso indevido de informações pessoais, apenas 4 crianças (6,1%) indicam que já enviaram uma foto ou um vídeo sobre a própria para alguém que nunca conheceram pessoalmente.

Quadro 3.14 *Comportamentos de risco: Uso indevido de informações pessoais*

Variáveis	N	%
Uso indevido de informações pessoais		
Dar informações pessoais, pela internet, quando sou abordado por alguém que não conheço	3	4,5
Dar informação acerca dos meus principais passatempos, interesses e rotinas diárias em conversas com desconhecidos	3	4,5
Enviar uma foto ou um vídeo sobre mim para alguém que eu nunca conheci pessoalmente	4	6,1
Alguém usou informações sobre mim de uma forma que não gostei	3	4,5

Por último, sobre outros riscos, as crianças referem visitar *sites* sobre formas de cometer suicídio (6,1%; N=4), fingir ser uma pessoa diferente na internet (4,5%; N=3) e visitar *sites* sobre forma de magoar-se fisicamente (4,5%; N=3).

Quadro 3.15 *Comportamentos de risco: Outros Riscos*

Variáveis	N	%
Outros Riscos		
Fingir ser uma pessoa diferente na internet	3	4,5
Visitar um site com imagens violentas e desagradáveis	2	3,0
Visitar sites sobre mensagens desagradáveis ou de ódio dirigidas a um grupo de pessoas	1	1,5
Visitar sites sobre formas de cometer suicídio	4	6,1
Visitar sites sobre partilha de experiência sobre consumo de drogas	1	1,5
Visitar sites sobre forma de magoar-se fisicamente	3	4,5

Ainda sobre aos riscos, os participantes foram questionados sobre eventuais situações de *bullying* que possam ter experienciado nos últimos dois meses. Ao contrário do que era esperado, os resultados foram todos negativos. Apenas uma criança afirmou que foi excluída de um jogo ou de um grupo *online* (1,5%). Quando questionados sobre situações de *bullying*, na qual tenha estado na condição de agressor, as respostas são idênticas. Apenas uma criança afirmou que ofendeu outra pessoa através da Internet ou do telemóvel (1,5%).

Face as situações desagradáveis que possam ter experienciado, nomeadamente, quando alguém diz ou faz algo que as magoa, 66,1% (N=41) refere que as bloqueia, 59,4% (N=38) afirma falar com os pais ou adultos de confiança ou ainda com amigos (65,1%, N=41) sobre o problema.

Quadro 3.16 *O que fazes quando alguém diz ou faz algo desagradável ou que te magoa?*

Variáveis	Sim		Não	
	N	%	N	%
Deixas de usar a internet por algum tempo	6	9,8	55	90,2
Apagas todas as mensagens da pessoa que enviou	24	38,7	38	61,3
Bloqueias a pessoa	41	66,1	21	33,9
Denuncias o problema	28	46,7	32	53,3
Falas com os teus pais ou outros adultos de confiança sobre o problema	38	59,4	26	40,6
Falas com amigos sobre o problema	41	65,1	22	34,9

3.5. Bem-estar subjetivo

No que respeita o bem-estar subjetivo, quando questionados sobre o que têm feito e vivido durante as últimas quatro semanas, relativamente aos afetos positivos, 100% (N=66) referem terem-se sentido bem, e no geral referiram todos os restantes sentimentos positivos.

Quadro 3.17 Bem-estar subjetivo: Afetos positivos

Variáveis	Sim		Não	
	N	%	N	%
Bem	66	100	0	0
Contente	63	96,9	2	3,1
Agradável	64	98,5	1	1,5
Feliz	64	98,5	1	1,5
Positivo/a	60	93,8	4	6,3
Alegre	64	98,5	1	1,5

Relativamente aos afetos negativos, 40,9% (N=27) referem terem-se sentido irritado/a e 37,5% (N=24) receoso/a.

Quadro 3.18 Bem-estar subjetivo: Afetos negativos

Variáveis	Sim		Não	
	N	%	N	%
Receoso/a	24	37,5	40	62,5
Negativo/a	14	21,5	51	78,5
Mal	10	15,4	55	84,6
Irritado/a	27	40,9	39	59,1
Triste	14	21,9	50	78,1
Desagradável	6	9,4	58	90,6

No que respeita à satisfação com a vida, no total as crianças consideram-se satisfeitas com a vida (M=3,9758; DP=0,63198), sendo que a afirmação com as quais mais concordam é “as minhas condições de vida são excelentes” (M=4,3788; DP=0,67403)

Quadro 3.19 Bem-estar subjetivo: Satisfação com a vida

Variáveis	N	M	DP
Em muitos aspetos, a minha vida aproxima-se do que idealizo.	66	3,8485	0,80846
As minhas condições de vida são excelentes.	66	4,1667	0,81492
Estou satisfeito/a com a minha vida.	66	4,3788	0,67403
Até agora, tenho conseguido as coisas importantes que quero na vida.	66	3,9545	0,86703
Se pudesse viver a minha vida de novo, não alteraria quase nada.	66	3,5303	1,29163

No geral, e relativamente a todas as dimensões, as crianças apresentam um nível positivo de bem-estar subjetivo (M=3,33; DP=0,38).

3.6. Estilos parentais e comportamentos de risco das crianças na internet

Quando relacionamos os estilos parentais com os comportamentos de risco por parte dos filhos, encontramos algumas diferenças. Foi efetuada uma análise Qui-quadrado, e o verificado foi que os filhos de pais autoritativos têm menos comportamentos de *sexting* ($\chi^2=3,428$, $p<0,1$), os filhos de pais negligentes têm mais comportamentos de *bullying* ($\chi^2=4,439$, $p<0,05$), e mais comportamentos de *sexting* ($\chi^2=10,932$, $p<0,001$), e os filhos de pais com o estilo indulgente têm menos comportamentos de *bullying* ($\chi^2=5,568$, $p<0,05$).

Quadro 3.20 *Relação entre Estilos Parentais e Comportamentos de risco*

Variáveis	Estilo Parental Autoritativo	Estilo Parental Negligente	Estilo Parental Indulgente	Estilo Parental Autoritário
Imagens sexuais				
%	33,3	44,4	22,2	0
χ^2	0,625	1,813	0,098	0,208
Bullying				
%	50,0	50,0	0	0
χ^2	0,139	4,439*	5,568*	0,298
Sexting				
%	23,1	61,5	15,4	0
χ^2	3,248*	10,932**	1,078	0,331
Contactos Online/Offline				
%	50,0	33,3	16,7	0
χ^2	0,394	1,080	1,133	0,844
Uso indevido de Informações				
%	50,0	50,0	0	0
χ^2	0,805	1,164	0,119	0,718
Outros Riscos				
%	40,0	40,0	20	0
χ^2	0,062	0,524	0,117	0,106

* $p<0,05$

** $p<0,01$

3.7. Estratégias de mediação parental e os comportamentos de risco das crianças na internet

Para verificarmos a relação existente entre as estratégias de Mediação Parental com os comportamentos de risco por parte dos filhos foi efetuada uma análise de correlação. Os resultados evidenciaram uma correlação significativa e negativa entre a mediação ativa e os comportamentos de visualização de imagens sexuais ($r=-,277$, $p<0,05$) e o *sexting* ($r=-,330$,

p<0,01), e uma correlação significativa e negativa entre a mediação de segurança ativa e os comportamentos de *sexting* ($r=-,295$, $p<0,05$).

Quadro 3.21 *Correlação entre Mediação Parental e Comportamentos de Risco*

Variáveis	Mediação Ativa	Mediação de Segurança Ativa	Mediação Restritiva	Monitorização	Mediação Técnica
Imagens sexuais					
<i>r</i>	-,277*	-,170	-,033	-,146	-,092
N	67	67	67	67	67
Bullying					
<i>r</i>	-,140	-,219	,071	-,035	-,013
N	67	67	67	67	67
Sexting					
<i>r</i>	-,330**	-,295*	,085	-,138	-,127
N	67	67	67	67	67
Contactos Online/Offline					
<i>r</i>	-,186	-,123	,046	,017	-,041
N	67	67	67	67	67
Uso indevido de Inf.					
<i>r</i>	-,146	-,110	-,155	,023	,009
N	67	67	67	67	67
Outros Riscos					
<i>r</i>	-,199	-,083	,081	,045	-,089
N	67	67	67	67	67

* $p<0,05$

** $p<0,01$

3.8. Bem-estar subjetivo e os comportamentos de riscos das crianças na internet

Para verificarmos a relação entre o bem-estar subjetivo e os comportamentos de riscos por parte das crianças, fizemos uma análise de correlação. Os resultados evidenciaram uma correlação significativa e negativa entre o Bem-estar e os comportamentos de risco de *bullying* ($r=-,281$, $p<0,05$), contactos *online/offline* ($r=-,413$, $p<0,01$) e o uso indevido de informações ($r=-,389$, $p<0,01$).

Quadro 3.22 *Correlação entre Bem-estar subjetivo e Comportamentos de Risco*

Variáveis	Imagens sexuais	Bullying	Sexting	Contactos Online/Offline	Uso indevido de Informações	Outros Riscos
-----------	-----------------	----------	---------	--------------------------	-----------------------------	---------------

Bem-estar subjetivo	<i>r</i>	-,005	-,281*	-,244	-,413**	-,389**	-,043
	N	63	63	63	63	63	63

IV- Discussão e Conclusões

4.1. Discussão

A realização deste estudo teve como objetivo perceber de que forma os estilos parentais e as estratégias de mediação parental utilizados pelos pais, tinham influências sobre os comportamentos de riscos dos filhos na internet, e se esses comportamentos tinham influências no bem-estar subjetivo dos mesmos.

Tendo em consideração os resultados desta investigação, verifica-se uma taxa elevada de utilização da internet diariamente, tanto por parte dos pais como pelos filhos, sendo que ambos consideram-se confiantes na sua utilização.

Em relação aos locais de acesso, a casa é o local mais privilegiado por ambos, seguido do trabalho para os pais e da escola para os filhos. O telemóvel é também o equipamento mais utilizado pelos dois, sendo que o computador portátil é a segunda escolha, o que não vai de encontro aos resultados de Livingstone et al. (2014) onde o verificado foi que o computador era o mais utilizado para aceder à internet, seguido pelo telemóvel. O que pode ser explicativo para estes resultados, é o crescente predomínio do telemóvel na vida dos mais novos, sendo que é difícil encontrar um jovem que não possua um destes equipamentos.

Em relação às redes sociais, os resultados obtidos são diferentes entre pais e filhos, sendo que são os mais novos que mais utilizam as redes sociais diariamente, e as preferências passam pelo *Whatsapp* e *Instagram*, ao contrario dos pais que dão preferência ao *Facebook*. No estudo de Livingstone et al. (2014), o *Facebook* era claramente a rede social mais utilizada pelos mais novos, o que não foi o constado no presente estudo, sendo que uma explicação possível para o sucedido deve-se ao facto dos pais utilizarem cada vez mais esta rede social, e os filhos procurarem algum distanciamento e até privacidade.

Em questões de privacidade no perfil nas redes sociais, os mais novos revelam algum cuidados, sendo que a grande maioria tem um perfil privado e as informações mais visíveis são o apelido e a escola. Quase metade identifica no perfil uma idade que não corresponde à real e são poucos os que revelam a morada e o número de telefone.

Em relação ao comportamento dos pais face à utilização da Internet por parte dos filhos, a análise indica que o estilo mais utilizado é o estilo autoritativo, sendo que estes resultados vão de encontro aos do estudo de Valcke et al. (2010). Os seguintes estilos mais utilizados foram o negligente e indulgente e por último o autoritário.

Relativamente à relação entre os comportamentos de risco por parte dos filhos e aos estilos parentais adotados pelos pais, verificamos que o estilo utilizado tem influência na adoção destes comportamentos, sendo que são os filhos de pais autoritativos que têm menos

comportamentos de *sexting*, e os filhos de pais indulgentes que têm menos comportamentos de *bullying*. Já que têm pais negligentes revela um maior número de comportamentos de *bullying*, e *sexting*. Assim confirmamos a hipótese 2, sendo que o estilo parental autoritativo está associado a um menor número de comportamentos de riscos na internet. De acordo com o estudo de Schellens et al. (2007), verificou-se que as crianças que experimentavam o controlo explícito dos pais relatavam menos comportamentos de risco na Internet. O presente estudo vai de encontro a estas conclusões, pois os resultados obtidos indicaram que crianças com mais comportamentos de riscos são filhas de pais negligentes (que não exercem nenhum controlo e envolvimento).

Em relação às técnicas de mediação utilizadas por cada pai a análise indicou que a mediação de segurança ativa e mediação restritiva são as estratégias mais utilizadas, o que vai de encontro ao estudo de Livingstone, et al. (2011). “*Dar sugestões de como se comportar em relação a outras pessoas na internet*” é a prática mais evidenciada pelos pais na mediação ativa e na mediação restritiva os pais dão permissão para realizar algumas situações, sendo que “*Ver videoclipes na Internet*” é a situação mais evidenciada. A estratégia menos utilizada é a mediação técnica, sendo que a utilização de “*um serviço para limitar o tempo que o/a seu/sua filho/a passa na internet*” é a menos referida. Analisamos também as ferramentas e métodos mais conhecidos e utilizados pelos pais, sendo que a instalação de programas antivírus, a verificação de autorizações quando instalam uma aplicação, jogo ou programa, fazer uma pesquisa das páginas da internet visitadas, a utilização de palavra-passe para bloquear ecrã ou imagens e a utilização de características de diferentes níveis de privacidade nas redes sociais foram as mais referidas.

Ao nível dos comportamentos de risco, os mais evidenciados foram os Contactos Online/Offline. Após a análise da influência das estratégias de Mediação Parental nos comportamentos de risco por parte dos filhos, verificamos que quando são adotadas estratégias de mediação ativa, as crianças revelam menos comportamentos de visualização de imagens sexuais e de *sexting* e quando são adotadas estratégias de mediação de segurança ativa, também são menos comportamentos de *sexting*. Desta forma, confirmamos assim a hipótese 1, pois as estratégias de mediação parental ativa reduzem os comportamentos de risco das crianças na internet.

A análise ao bem-estar subjetivo, revelou que, em relação aos afetos positivos, todas as crianças responderam que durante as últimas quatro semanas se tinham sentido bem, e no geral referiram todos os restantes sentimentos positivos, como o contente, agradável, feliz, positivo e alegre, e em relação aos afetos negativos, algumas referiram ter experienciado

situações que os deixaram irritados ou receosos. No entanto, no geral consideram-se satisfeitas com a vida, e por sua vez revelam um nível positivo de bem-estar subjetivo.

Quando analisamos a influência dos comportamentos de risco no bem-estar subjetivo os resultados revelaram que quanto menos comportamentos de risco de *bullying*, contactos *online/offline*, e outros riscos, maior o bem-estar subjetivo das crianças. Assim, tal como inicialmente tínhamos referido, à semelhança do estudo de Camacho et al. (2012) em que crianças menos satisfeitas com a vida, são mais infelizes, e revelam um maior número de comportamentos de risco, os nossos resultados vem revelar que mais comportamentos de risco na internet, diminuem o bem-estar subjetivo, confirmando assim a hipótese 3.

4.2. Conclusão

Atualmente já não é surpresa para ninguém a dependência que a sociedade tem pelas “novas tecnologias” (que já não são assim tão novas), e pela internet, por isso não é de estranhar os resultados deste estudo no que diz respeito à utilização das mesmas por parte da grande maioria e de uma forma regular, neste caso, diariamente.

Considerando o objetivo desta investigação, os estilos parentais revelaram-se importantes na predição dos comportamentos de risco das crianças na internet, sendo que os resultados mostram que, quando os pais exercem um maior controlo os filhos relatam um menor número de comportamentos de risco na *Internet*. O contrário sucede em crianças filhas de pais negligentes, caracterizados por baixos níveis de controlo e baixos níveis de envolvimento, onde estes não demonstram uma atitude de apoio ou restritiva para o uso da Internet por parte dos seus filhos, que exibem mais comportamentos de risco.

Por sua vez, as estratégias de mediação parental adotadas pelos pais, também revelam alguma importância na redução dos comportamentos de risco, sendo as mais eficazes a mediação ativa e a mediação de segurança ativa.

Importante também nesta análise foi verificar o impacto dos comportamentos de risco no bem-estar subjetivo das crianças, sendo que os resultados mostraram que um maior número de comportamentos de risco na internet, está relacionado com a diminuição do bem-estar subjetivo das crianças.

4.3. Limitações do estudo

A presente investigação, apesar de contribuir para o avanço da literatura apresenta algumas limitações. Em primeiro lugar, a dimensão da amostra pode ser considerada uma limitação, uma vez que a amostra não é representativa da população portuguesa, tendo apenas

incluído 67 conjuntos de pais e filhos (ou seja, apresenta baixa validade externa). A heterogeneidade da amostra é também uma limitação que não foi controlada, sendo que o número de participantes do sexo feminino é muito superior ao do sexo masculino, no caso dos pais. As escalas não estão validadas para a população portuguesa, o que é também uma limitação deste estudo

Outra limitação que apontamos, prende-se com facto de não conseguirmos controlar a influência dos pais nas respostas dadas pelos respetivos filhos, sendo que o questionário dos filhos foi preenchido pelos mesmos após a entrega destes aos pais.

O que também não conseguimos controlar é a desejabilidade social nas respostas dadas, uma limitação presente na maioria dos estudos onde é pedido a descrição de comportamentos.

Ao nível da recolha de dados, o facto de a amostra ser constituída por díades de pai/mãe e respetivo filho, foi uma dificuldade, sendo que muitos dos questionários entregues não foram devolvidos.

4.4. Recomendações

Esta investigação possibilitou uma melhor compreensão entre os estilos e estratégias de mediação parental nos comportamentos de risco nas crianças, e esperamos desta forma guiar os pais para um envolvimento ativo e eficaz na redução destes comportamentos.

Contudo, e atendendo a algumas lacunas nesta investigação, seria importante que estudos futuros utilizassem uma amostra mais representativa da população, bem como controlar alguns aspetos na recolha dos dados, como assegurar um local adequado para o preenchimento dos questionários, sem influência de elementos externos que condicionem as suas respostas.

No futuro será também pertinente abordar o tema das estratégias de mediação parental, bem como as ferramentas existentes, através de *workshops* em escolas, juntas de freguesia, ou outros espaços da comunidade, para que a informação seja acessível a todos e desta forma contribuir para um maior conhecimento sobre a importância das mesmas na redução dos comportamentos de risco, que se traduzem num maior bem-estar das crianças.

Referências

- Alikasifoglu, M., Erginoz, E., Ercan, O., Uysal, O., & Albayrak-Kaymak, D. (2007) Bullying behaviours and psychosocial health: results from a cross-sectional survey among high school students in Istanbul, Turkey. *European Journal of Pediatrics*, *166*, 1253–1260
- Aluede, O., Adeleke, F., Omoike, D., & Afen- Akpaida, J. (2008) A review of the extent, nature, characteristics and effects of bullying behaviour in schools. *Journal of Instructional Psychology*, *35*, 151-15.
- Amado, J., Matos, A., Pessoa, T., & Jager, T. (2009). Cyberbullying: um desafio à investigação e à formação. *Interações*, *13*, 301-326.
- Anderson, T., & Sturm, B. (2007). Cyberbullying: from playground to computer. *Young Adult Library Services*, *2*, 24-27.
- Aunola, K., Stattin, H. K., & Nurmi, J. (2000). Parenting styles and adolescents' achievement strategies. *Journal of Adolescence*, *23*, 205-222.
- Barlett, C. P., & Fennel, M. (2016). Examining the relation between parental ignorance and youths' cyberbullying perpetration. *Psychology of Popular Media Culture*. Advance online publication. <http://dx.doi.org/10.1037/ppm0000139>
- Bauman, S. (2009) Cyberbullying in a rural intermediate school: An exploratory study. *Journal of Early Adolescence*, 1–31. doi: 10.1177/0272431609350927
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child Development*, *37*(4), 887-907.
- Beale, A. V., & Hall, K. R. (2007). Cyberbullying: What school administrators (and parents) can do. *The Clearing House: A Journal of Educational Strategies, Issues and Ideas*, *81*, 8–12.
- Camacho, I., Tomé, G., Matos, M. G., Simões, C., & Diniz, J. A. (2012). A influência da monitorização parental e da comunicação com os pais no bem-estar e nos comportamentos de risco dos adolescentes. *Journal of Child and Adolescent Psychology*, *3*(2), 293-314.
- Cao, H., Sun, Y., Wan, Y., Hao, J., & Tao, F. (2011). Problematic Internet use in Chinese adolescents and its relation to psychosomatic symptoms and life satisfaction. *BMC Public Health*, *11*, 802. doi:10.1186/1471-2458-11-802.
- Carvalhosa, S. F., Moleiro, C., & Sales, C. (2009). A situação do bullying nas escolas portuguesas. *Interações*, *13*, 125-146.

- Cassidy, W., Jackson, M., & Brown, K. N. (2009). Sticks and stones can break my bones, but how can pixels hurt me? Students experiences with cyber-bullying. *School Psychology International*, 30, 383–402. doi: 10.1177/0143034309106948
- Çikrikci, O. (2016) The effect of internet use on well-being: Meta-analysis. *Computers in Human Behavior*, 65, 560-566.
- Diener, E., Emmons, R. A., Larsen, R. J., & Griffin, S. (1985). The Satisfaction with Life Scale. *Journal of Personality Assessment*, 49, 71-75.
- Diener, E., Scollon, C. N., & Lucas, R. E. (2003) The evolving concept of subjective well-being: the multifaceted nature of happiness. *Advances in Cell Aging and Gerontology*, 15, 187–219
- Diener, E., Suh, E., & Oishi, S. (1997). Recent findings on subjective well being. *Indian Journal of Clinical Psychology*, 24(1), 25-41.
- Diener, E., Wirtz, D., Tov, W., Kim-Prieto, C., Choi, D., Oishi, S., & Biswas-Diener, R. (2009). New measures of well-being: Flourishing and positive and negative feelings. *Social Indicators Research*, 39, 247-266.
- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: an integrative model. *Psychological Bulletin*, 113(3), 487-496.
- Dehue, F., Bolman, C., & Völlink, T. (2008). Cyberbullying: youngsters' experiences and parental perception. *CyberPsychology & Behavior*, 11(2), 217-223.
- Duerager, A., & Livingstone, S. (2012). *How can parents support children's internet safety?*. Retirado de <http://eprints.lse.ac.uk/42872/>
- Eastin, M., Greenberg, B., & Hofschire, L. (2006). Parenting the Internet. *Journal of Communication*, 56, 486-504. doi: 10.1111/j.1460-2466.2006.00297.x
- Fekkes, M., Pijpers, F. I. M., Fredriks, A. M., Vogels, T., & Verloove-Vanhorick, S. P. (2006) Do bullied children get ill, or do ill children get bullied? A prospective cohort study on the relationship between bullying and health-related symptoms. *Pediatrics*, 117, 1568-1574. doi: 10.1542/peds.2005-0187.
- Ferreira, P., & Monteiro, A. F. (2009). Riscos de Utilização das TIC. *EDUSER: revista de educação*, 1(1), 88-99.
- Fleming, J., Greentree, S., Cocotti-Muller, D., Elias, K., & Morrison, S. (2006). Safety in Cyberspace. *Youth and Society*, 38(2), 135-154.
- Hymel, S., & Swearer, S. M. (2015) Four Decades of Research on School Bullying. An Introduction. *American Psychologist*, 70(4), 293-299.

- Ihmeideh, F. M., & Shawareb, A. A. (2014) The association between internet parenting styles and children's use of the internet at home. *Journal of Research in Childhood Education*, 28, 411-425. doi: 10.1080/02568543.2014.944723
- Joronen, K., & Astedt-Kurti, P. (2005). Familial contribution to adolescent subjective well-being. *Internacional Journal of Nurses Practices*, 11, 125-133
- Juvonen, J., & Gross, E. F. (2008). Extending the school grounds? Bullying experiences in cyberspace. *Journal of School Health*, 78, 496–505.
- Kirwil, L. (2009) Parental mediation of children's internet use in different european countries. *Journal of Children and Media*, 3, 394-409, doi: 10.1080/17482790903233440
- Klomek, A. B., Marrocco, F., Kleinman, M., Schonfeld, I. S., & Gould, M. S. (2007). Bullying, depression, and suicidality in adolescents. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 46, 40-49. doi:10.1097/01.chi.0000242237.84925.18
- Kraut, R., Kiesler, S., Boneva, B., Cummings, J. N., Helgeson, V., & Crawford, A. M. (2002). Internet paradox revisited. *Journal of Social Issues*, 58(1), 49–74.
- Lee, S., & Chae, M. A. (2007). Children's Internet use in a family context: influence on family relationships and parental mediation. *Cyberpsychology & Behavior*, 10(5), 640-644.
- Livingstone, S. (2003). Children's use of the internet: reflections on the emerging research agenda. *New Media and Society*, 5(2), 147-166.
- Livingstone, S. (2007). Strategies of parental regulation in the media-rich home. *Computers in Human Behavior*, 23, 920-941
- Livingstone, S., Haddon, L., Görzig, A., & Ólafsson, K. (2011). *Risks and safety on the internet: The perspective of European children. Full Findings*. LSE, London: EU Kids Online.
- Livingstone, S., & Helsper, E. J. (2008). Parental mediation of children's internet use. *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, 52(4), 581-599. doi: 10.1080/08838150802437396
- Livingstone, S., Mascheroni, G., Ólafsson, K., & Haddon, L. (2014). Children's online risks and opportunities: comparative findings from EU Kids Online and Net Children Go Mobile. EU Kids Online, LSE, London, UK. Retirado de <http://www.lse.ac.uk/media@lse/research/EUKidsOnline/Home.aspx>
- Maccoby, E. E., & Martin, J. A. (1983). Socialization in the context of the family: parent-child interaction. In E. M. Hetherington (Ed.), *Handbook of Child Psychology* (4thEd)

- Vol. 4. Socialization, personality, and social development (pp. 1-101). New York: Wiley.
- Mesch, G. S. (2009). Parental mediation, online activities, and cyberbullying. *Cyberpsychology and Behavior*, 12, 387–393. doi: 10.1089/cpb.2009.0068
- Monks, C. P., Mahdavi, J., & Rix, K. (2016). The emergence of cyberbullying in childhood: Parent and teacher perspectives. *Psicología Educativa*, 22, 29-48.
- Olweus, D. (1993). *Bullying at school*. Oxford e Cambridge: Blackwell.
- Olweus, D. (1994). Annotation: bullying at school: basic facts and effects of a school based intervention program. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 35 (7), 1171-1190.
- Rosen, L., Cheever, N., & Carrier, M. (2008). The association of parenting style and child age with parental limit setting and adolescent MySpace behaviour. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 29, 459-471. doi: 10.1016/j.appdev.2008.07.005
- Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2001). On happiness and human potentials: A review of research on hedonic and eudaimonic well being. *Annual Review of Psychology*, 52, 141-166.
- Siqueira, M. M. M., & Padovam, V. A. R. (2008). Bases teóricas de bem-estar subjetivo, bem-estar psicológico e bem-estar no trabalho. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24(2), 201-209.
- Smith, P. K. (2012), Cyberbullying and cyber aggression, In S. R. Jimerson., A. B. Nickerson., M. J. Mayer., & M. J. Furlong (Eds.), *Handbook of School Violence and School Safety. International Research and Practice* (2ª ed.) (pp. 93-103). New York: Routledge
- Smith, P. K. (2013) Scholl Bullying. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 71, 81-98. doi: 10.7458/SPP2012702332
- Smith, P. K., Mahdavi, J., Carvalho, M., Fisher, S., Russell, S., & Tippett N. (2008), Cyberbullying: its nature and impact in secondary school pupils. *Journal of Child Psychology & Psychiatry*, 49, 376-385
- Valcke, M., Bonte, S., Wever, B., & Rots, I. (2010). Internet parenting styles and the impact on the internet use of primary school children. *Computers & Education*, 55, 454-464. doi:10.1016/j.compedu.2010.02.009
- Valcke, M., Schellens, T., Van Keer, H., & Gerarts, M. (2007). Primary school children's safe and unsafe use of Internet at home and at school: an exploratory study. *Computers in Human Behavior*, 23, 2838-2850

- Van Den Eijnden, R., Meerkerk, G. J., Vermulst, A., Spijkerman, R., & Engels, R. (2008). Online communication, compulsive internet use, and psychosocial well-being among adolescents: A longitudinal study. *Developmental Psychology, 44*(3), 655-665. doi: 10.1037/0012-1649.44.3.655
- Wang, J., Nansel, T. R., & Iannotti, R. J. (2011) Cyber and traditional bullying: Differential association with depression. *Journal of Adolescent Health, 48*, 415–417.
- Wang, R., Bianchi, S., & Raley, S. (2005). Teenagers' Internet use and family rules: a research note. *Journal of Marriage and Family, 67*, 1249-1258.

Anexo A

CONSENTIMENTO INFORMADO

Este questionário insere-se no âmbito da tese de mestrado em Psicologia Comunitária e Proteção de Menores. Tem como objetivo medir o comportamento dos pais e profissionais sobre a utilização da internet. O tempo de resposta ao questionário não ultrapassa os 10 minutos. A informação será usada apenas para calcular as tendências estatísticas. As suas respostas serão anónimas e confidenciais.

Declaro que me foram fornecidas todas as informações necessárias, que considero importantes para decidir sobre a minha participação. Fui informado, especificamente, sobre o objetivo, a duração esperada, o processo de investigação, a confidencialidade e anonimato dos dados, e que eu tinha direito de desistir a qualquer momento, sem incorrer em quaisquer consequências.

Assim, concordo em participar no questionário acima mencionado.

Gostaria de receber mais informações sobre este estudo, para o seguinte endereço de e-mail:

A investigadora,

Patrícia Filipa Costa

Aluna do mestrado de Psicologia Comunitária e Proteção de Menores
ISCTE-IUL
pffac@iscte.pt

A coordenadora da investigação,

Susana Fonseca Carvalhosa

Professora Auxiliar
Departamento de Psicologia Social e das Organizações
Escola de Ciências Sociais e Humanas

Avenida das Forças Armadas,
1649-026 LISBOA Portugal
Telefone: +351 217 903 971

www.iscte-iul.pt

Anexo B

CONSENTIMENTO INFORMADO PARA PAIS/ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO

Este questionário insere-se no âmbito da tese de mestrado em Psicologia Comunitária e Proteção de Menores. Tem como objetivo medir o comportamento dos jovens sobre a utilização da internet. O tempo de resposta ao questionário não ultrapassa os 15 minutos. A informação será usada apenas para calcular as tendências estatísticas. As respostas serão anónimas e confidenciais.

Declaro que me foram fornecidas todas as informações necessárias, que considero importantes para decidir sobre a participação do meu educando. Fui informado, especificamente, sobre o objetivo, a duração esperada, o processo de investigação, a confidencialidade e anonimato dos dados, e que o meu educando tinha direito de desistir a qualquer momento, sem incorrer em quaisquer consequências.

Assim, concordo na participação do meu educando no questionário acima mencionado.

A investigadora,

Patrícia Filipa Costa

Aluna do mestrado de Psicologia Comunitária e Proteção de Menores
ISCTE-IUL
pffac@iscte.pt

A coordenadora da investigação,

Susana Fonseca Carvalhosa

Professora Auxiliar
Departamento de Psicologia Social e das Organizações
Escola de Ciências Sociais e Humanas

Avenida das Forças Armadas,
1649-026 LISBOA Portugal
Telefone: +351 217 903 971

www.iscte-iul.pt

CONSENTIMENTO INFORMADO

Caro Participante,

Tens em mãos um questionário relativo a um estudo a decorrer com jovens sobre a utilização da internet. A tua colaboração é muito importante, na medida em que vai contribuir para o desenvolvimento de uma investigação científica. Para o efeito, basta que respondas a cada uma das questões que se seguem, assinalando a tua resposta conforme as indicações apresentadas.

O tempo de resposta ao questionário não ultrapassa os 15 minutos. Não deverás identificar-te, sendo as respostas anónimas e confidenciais.

Concordo em participar no questionário.

A investigadora,

Patrícia Filipa Costa

Aluna do mestrado de Psicologia Comunitária e Proteção de Menores
ISCTE-IUL
pffac@iscte.pt

A coordenadora da investigação,

Susana Fonseca Carvalhosa

Professora Auxiliar
Departamento de Psicologia Social e das Organizações
Escola de Ciências Sociais e Humanas

Avenida das Forças Armadas,
1649-026 LISBOA Portugal
Telefone: +351 217 903 971

www.iscte-iul.pt